

ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

Bx  
C 92572858

UNEMAT  
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT  
BIBLIOTECA

**INFLUÊNCIAS LITERÁRIAS NA POLÍTICA  
SOCIAL BRASILEIRA**

José Augusto Vieira Garcia

|                                             |              |
|---------------------------------------------|--------------|
| BIBLIOTECA                                  |              |
| UNEMAT                                      |              |
| Campus Universitário de Pontes e Lacerda MT |              |
| RG N°                                       | 6045         |
| Data                                        | 25 / 09 / 00 |

Pontes e Lacerda, maio de 2000

321832  
G916

ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE EDUCAÇÃO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

**INFLUÊNCIAS LITERÁRIAS NA POLÍTICA  
SOCIAL BRASILEIRA**

Ensaio Monográfico desenvolvido no Estágio  
Supervisionado de Língua Portuguesa no VIII  
Semestre do Curso de Licenciatura Plena em  
Letras da UNEMAT – Campus Universitário  
de Pontes e Lacerda. Orientadora: Marlene  
Flores.

Pontes e Lacerda, julho de 2000

*"E não te esqueças, meu coração,  
que as coisas humanas  
apenas mudanças incertas são."*

*(Poeta grego Arquíloco)*

## **AGRADECIMENTOS!**

*Em primeiro lugar agradeço a **DEUS**, nosso pai eterno, que nos capacitou para a realização deste trabalho.*

*A minha namorada **ROSÂNGELA**, que eu amo e que sempre me apoiou.*

*A minha Orientadora **MARLENE FLORES**, que além de me incentivar, teve paciência comigo.*

*A minha querida **MÃE**.*

*E finalmente a minhas amigas **SOLANGE e VILMA**, que me auxiliaram na digitação.*

*A todos vocês, muito obrigado!*

## **SUMÁRIO**

|                                                                            |           |
|----------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <i>RELEXÕES POLÍTICAS, IDEOLÓGICAS E LITERÁRIAS.....</i>                   | <i>6</i>  |
| <i>ALGUNS TRAÇOS DA POESIA NO DECORRER DA HISTÓRIA LITERÁRIA .....</i>     | <i>12</i> |
| <i>CONSTITUIÇÃO SÓCIO-IDEOLÓGICAS DO SUJEITO/AUTOR.....</i>                | <i>21</i> |
| <i>LIGAÇÃO ENTRE AUTOR, POESIAS E ACONTECIMENTOS POLÍTICO-SOCIAIS.....</i> | <i>31</i> |
| <i>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</i>                                          | <i>38</i> |
| <i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</i>                                     | <i>41</i> |
| <i>ANEXOS .....</i>                                                        | <i>43</i> |

## REFLEXÕES POLÍTICAS, IDEOLÓGICAS E LITERÁRIAS

Enfim chegamos ao tão comentado ano 2000, mas apesar de tantas previsões catastróficas e de muita especulação à respeito da chegada do ano novo (que muitos, mal informados ou até mesmo por marketing, disseram ser a passagem do milênio), nada de anormal aconteceu. Já passamos do meio do ano e o único fato novo que, movimentou o país foi o seu aniversário de 500 anos. Ouvimos todos os dias, por parte dos maiores veículos de comunicação do país, propagandas e comentários (elogios), feitos à respeito do fato. Isso nos levou a refletir um pouco sobre a história política da nossa pátria.

Concluimos então que ao longo de nossa história política e social, nós ficamos muito envergonhados quando relembramos um período muito triste, ao qual o Brasil foi submetido. É difícil descrever todas as atrocidades cometidas pelos governos militares nos anos de 1963 a 1984. Principalmente após o dia 13 de dezembro de 1968, quando no governo do presidente Costa e Silva, foi criado o AI 5 (Ato Institucional n.º 5), que dava plenos poderes ao presidente e fortalecia ainda mais a ditadura.

Durante este período havia apenas dois partidos políticos no país: A ARENA (Aliança Renovadora Nacional) criada pelos militares e seus simpatizantes, portanto, partido de situação e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) que por sua vez era composto por políticos de oposição no congresso, mas que foram obrigados a calarem-se por força do AI 5. Então não havia oposição política nenhuma, pois a "direita" (ARENA), calou e anulou politicamente a "esquerda" (MDB)

Essa foi a principal função do AI - 5, anular todo e qualquer tipo de oposição, usando, se

preciso, a força para calar e punir qualquer manifestação esquerdista. E os atos que seguiram, por conta do AI - 5 foram os mais bárbaros possíveis, pois ele autorizava prisões sem mandatos, legalizava torturas e encobertava assassinatos inúmeros que aconteceram na época.

Havia também movimentos esquerdistas liderados por jovens intelectuais, forças sindicais e lideranças estudantis, mas pouco podiam fazer contra o governo que usava de artifícios como os slogans "Brasil, ame-o ou deixe-o" e "Ninguém segura este país", para enfatizar um milagre econômico, que na verdade não aconteceu. E também censurava os meios de comunicação, mantendo a população informada apenas do chamado "Milagre Econômico", desencorajando assim qualquer tipo de apoio da população a esses movimentos esquerdistas.

A população, então continuava desenformada e alheia a grande gama de crimes e a verdadeira situação econômica brasileira. Acreditamos, que isso foi possível porque naquela época a maior parte da população brasileira não tinha acesso a educação, mas principalmente porque os militares que implantaram a ditadura, usavam o silêncio como forma de ocultação da verdade.

Por tudo isso, escolhemos como tema de nossa pesquisa os sentidos retratados na poesia no momento histórico do Brasil durante o período da ditadura, pois hoje, estamos mais amadurecidos intelectualmente falando, e temos outra posição à respeito da Ditadura. Então nada mais justo do que falarmos um pouco do que nos despertou para uma realidade que até a pouco desconhecíamos.

Antes pensávamos que o período de maior crescimento econômico e social do país tivesse sido durante os longos anos de ditadura militar. Infelizmente descobrimos que este foi o período responsável pelo maior crescimento das dívidas externas e principalmente, das desigualdades sociais que hoje temos na nossa pátria.

Descobrimos também no campo da literatura e principalmente da poesia, textos, que no passado apenas nos pareciam belos poemas, foram na verdade, fortes veículos de divulgação dos desmandos sociais e dos anseios daquela sociedade. Tais fatos nos tocaram tão profundamente que por vezes, sem querer, travamos diversas discussões com pessoas de nossa família, que não tiveram oportunidade de ter acesso as informações que tivemos e que são, como um dia também fomos, defensores desses "criminosos" ditadores.

Mas dentro de uma gama de fatos que percebemos, o que nos levou realmente a escolher este tema de pesquisa foi justamente a interpretação de letras musicais, que já conhecíamos e admirávamos mas que só compreendemos alguns sentidos que ali funcionam a partir de estudos teóricos embasados na teoria francesa "Análise do Discurso".

Analisaremos então estrofes de algumas letras musicais do conhecido autor, cantor e compositor Caetano Veloso, que foi um dos líderes do movimento chamado Tropicália, criado no final do ano de 1968, e que tinha objetivo claro de "lutar" contra a ditadura, denunciando através da música as atrocidades e a verdadeira face do regime militar.

Caetano Emmanuel Viana Telles Veloso foi o criador de poesias musicais como: "Alegria, Alegria", "Tropicália", "Enquanto Seu Lobo não Vem", "Os Mais Doces Bárbaros". Essas foram as poesias musicais por nós escolhidas para serem analisadas. A teoria escolhida para o embasamento desta pesquisa deu suporte para averiguarmos que a vida social influencia na vida artística.

*( ... ) "o sujeito está de alguma forma, inscrito no texto que produz." ( ... ) e ( ... ) "o autor é a função que o eu assume enquanto produtor de linguagem. Sendo a dimensão discursiva do sujeito que está mais*

*determinado pela relação com a exterioridade (contexto histórico)" (... ) (ORLANDI pág. 76, 77, 1999)*

Percebemos então, que sujeito é o indivíduo que convivendo em comunidade, é influenciado pelos fatos que constitui toda a gama de conhecimentos, problemas e anseios ao qual pertence, e a partir de seu ponto de vista, busca uma maneira de tentar solucionar os problemas que afligem não só a comunidade, mas a ele também. Por consequência disso, a partir do momento em que o sujeito começa a externalizar estes fatos, ele passa a ser autor. Resumindo, autor é o sujeito que sofre influências do meio social e externaliza estas influências a partir de seu conhecimento (visão de mundo).

*( ... ) "sujeito é aquele que sofre influências da sociedade ou da comunidade a que pertence, e exerce a função de locutor e de enunciador." ( ... ) ( Foucault, in Discurso e Leitura, pág. 77)*

Acreditamos que Caetano Veloso, por ter sido assujeitado ao regime militar de sua época, produziu seus textos a partir do conhecimento que tinha dos fatos sócio-políticos que vivenciava naquele momento, como tentativa de desmascarar a ideologia que os ditadores usavam para manter a opinião pública a seu favor.

Caetano Veloso usou o mesmo artifício dos militares para passar sua ideologia ao povo, ou seja, fez o uso da linguagem como veículo portador de informações políticas que os ditadores acobertavam também através da linguagem.

*"Quando se trata do político ( ... ) , a questão da "credibilidade" se impõe, em consequência o problema da relação entre verdade e falsidade na*

*linguagem". ( ... ) "a ideologia representa a saturação, o efeito de "evidência" sustentando-se sobre o já-dito, os sentidos institucionalizados, admitidos por todos como natural". (Orlandi, pág. 98 e 100, 1997)*

Como já mencionamos acima, tais afirmações nos remetem a linguagem como veículo responsável pela transmissão da verdade ou mentira no campo político-social, e o que faz a distinção entre o verdadeiro e o falso é a ideologia. Pois a ideologia está ligada a interpretação particular, é ela que atribui sentidos fixos as palavras em um dado contexto sócio-histórico.

Averiguamos com nossa pesquisa que os militares usavam o silêncio como forma de mascaramento da verdade sob forma de pressão, ou seja, acreditamos que os militares faziam uso da força e do poder que tinham em mãos, para forjar uma "verdade" que lhes era interessante. Essa, talvez, fosse sua ideologia, mascarar os fatos políticos verdadeiros através da imposição do silêncio para que a população acreditasse que aquela política militar era a melhor e a aceitassem sem protestar.

Então, diante do regime de silêncio imposto pelos ditadores, tornou-se impossível aos autores críticos escreverem de forma literal contra o militarismo. Coube então aos poetas, músicos e mesmo aos escritores, passarem essa mensagem através de metáforas em seus poemas.

Caetano Veloso destacou-se dentre eles e escreveu muito criticando os ditadores, chegando a ser preso e exilado como punição e também tentativa de calar aquela poderosa voz que se levantava contra uma política de crimes e torturas. Ele produziu letras musicais que são poemas muito críticos, principalmente se observarmos as condições históricas de produção destes textos, pois como já afirmamos na perspectiva da Análise do Discurso o autor produz seus

textos sob influência social.

Para isto fizemos leituras polissêmicas destes poemas, para enfim captar todos os sentidos que eles trazem, pois ;

( ... ) "*a leitura polissêmica atribui vários sentidos ao texto*". (Orlandi, pág. 47, 1999) Essa é a leitura que nos interessa neste momento, pretendemos trazer à tona os sentidos críticos - sociais que os poemas de Caetano Veloso, retratam para enfocarmos a importância da literatura na constituição social do país. Por em reflexão o objetivo que o autor teve através de suas canções, conscientizar a sociedade dos problemas causados pela ditadura, a fim de que, o povo se unisse e se voltasse contra o governo militar.

Não sabemos se Caetano alcançou seu objetivo, mas sabemos que a ditadura caiu porque a população se manifestou insatisfeita com o regime militar e saiu às ruas pedindo a reestruturação da democracia. Acreditamos que os poemas dele contribuíram para esta revolta popular.

Desta forma investigamos os sentidos que perduram nos poemas literários de Caetano e que possivelmente contribuíram e se fizeram constituir naquele momento político do Brasil.

## ALGUNS TRAÇOS DA POESIA NO DECORRER DA HISTÓRIA LITERÁRIA

Estudos históricos feitos à respeito da poesia remontam desde a idade média, quando toda poesia ainda era cantada. Compêndios das literaturas européias geralmente dão conta de que a arte músico-poética dos trovadores provençais e dos trovères do norte da França, realmente foram as primeiras manifestações da poesia lírica.

Nas primeiras décadas do século XIII, logo após o fim da guerra que reestabeleceu a posse do solo, português que estava em poder dos mouros, houve uma grande ascensão da poesia portuguesa ou do trovadorismo, como foi denominado esse período no qual a poesia era apenas cantada. Porém há controvérsias a respeito da origem desse estilo poético. Segundo vimos em "Literatura Portuguesa" de Massaud Moisés, admitem-se quatro fundamentais teses para explicá-la: existe a tese arábica, que considera a cultura arábica como sendo uma velha raiz; a tese folclórica, que a julga criada pelo povo; a tese médio-latinista, segundo a qual essa poesia teria se originado da literatura latina produzida durante a Idade Média e a tese litúrgica, que considera esta poesia como sendo fruto da poesia litúrgico-cristã, elaborada na mesma época.

Todavia é difícil saber de qual destas teses se originou tal estilo e é por isso que a maior parte dos estudiosos optam por considerar todas estas teses como forma de abarcar toda multidão de aspectos contrastantes apresentada pela primeira floração da poesia medieval da França, que torna-se no século XI um grande centro de atividade lírica, que vem a influência para a poesia lusitana. Através da grande movimentação de pessoas vindas da França, que tinham em Lisboa porto mais próximo para embarcar para Jerusalém e que durante sua estadia realizavam jograis, com isso introduziam lentamente a nova moda poética em Portugal.

Na Provença, o poeta era chamado de trovador, cuja forma correspondente em Português é trovador, daí o nome trovadorismo. No norte da França. O poeta recebia o apelativo *trouvère*, cujo radical é igual a achar, portanto os poetas deviam ser capazes de compor, achar sua canção ou cantiga.

Duas espécies principais apresentava a poesia trovadoresca: a lírico-amorosa e a satírica. A poesia lírico-amorosa se dividia em cantiga de amor e cantiga de amigo, e a satírica se dividia em cantiga de escárnio e cantiga de maldizer. O idioma empregado era o galego-português, em virtude da então unidade lingüística entre Portugal e Galiza.

Embora, grande parte dessas canções fossem compostas por nobres, como é o caso do rei D. Dinis (1261 – 1325) que compôs 138 cantigas, essas poesias geralmente tratavam de problemas simples que atingem principalmente a prole. É o caso da cantiga de amigo que em sua maioria contém confissões amorosas de mulheres simples que sofrem com a ausência de seu amado que a abandonou e foi para o fossado (serviço militar).

Seguindo com a evolução da literatura temos o Humanismo que iniciou-se em 1418, quando D. Duarte nomeia Fernão Lopes para as funções de Guarda-Mor da Torre do Tombo e termina em 1527, quando Sá de Miranda, retornando da Itália. Inicia em Portugal a campanha em prol da cultura clássica.

Nesta fase da literatura a atividade historiográfica que não tivera chance de crescer durante o Trovadorismo, torna-se madura graças, principalmente a Fernão Lopes, seguido de Gomes Eanes e Rui Pina. Durante este rico período há representações poéticas de várias peças teatrais como Auto da Lusitânia, representada ao Rei D. João III em 1532. Esta peça gira em torno da origem mitológica de Portugal. Há também várias cantigas que mais parecem cópias enriquecidas e modernizadas das cantigas de amigo, porém já escritas em português. É

importante ressaltar que várias crônicas foram escritas neste período, talvez com o intuito de descrever como os grandes reis governavam, pois aqui um desejo do autor em estar revelando ao povo a bondade de seus reis para que não haja revolta da prole contra a burguesia. Afirmamos isto porque percebemos que estas crônicas sempre elogiam e engrandecem os reinados e seus respectivos reis.

Então temos o Classicismo que teve seu começo em 1527, quando Sá de Miranda regressando da Itália, divulga em Portugal os novos ideais estéticos. Seu término foi em 1580, com a morte de Camões e a transferência de Portugal para o domínio da Espanha..

Este movimento clássico objetivava a imitação dos antigo gregos e latinos,, dava margem ao cultivo de poesias, da historiografia, da literatura de viagens, da novelística, do tetro clássico e da prosa doutrinária. Teve como sua grande figura Luís Vaz de Camões, conhecido principalmente por seu grande poema “Os Lusíadas”, que contém dez contos, que enfeixam 8.816 versos decassílabos heróicos.

“Os Lusíadas” além de ser uma belíssima obra literária, narra com abundância de detalhes as grandes navegações portuguesas, associando-as as antigas obras gregas, cuja mitologia se faz presente em toda a narrativa. Tem como objetivo central exaltar os grandes feitos dos navegadores portugueses.

Ainda na Literatura Portuguesa, logo em seguida, temos o período Barroco, que iniciou em 1580 e terminou 1756, quando foi fundada a Arcádia Lusitana. Constituíam-se numa tentativa de fusão harmônica entre as duas linhas de força que orientavam a cultura renascentista, a medieval ( teocêntrica) e a clássica ( antropocêntrica).

No Barroco cultivaram-se a oratória, a prosa doutrinária, a poesia, a historiografia e o teatro. Este período teve como sua maior figura o Padre Antônio Vieira, por sua ação pessoal e

pelos seus méritos de orador e epistológrafo.

No Brasil, por influência européia, surgem apenas ecos do Barroco no período entre os séculos XVII e XVIII. Neste período alguns autores como: Gregório de Matos, Botelho de Oliveira, Frei Itaparica, repetiram as formas e os motivos do barroquismo ibérico e italiano.

Dentre estes autores Gregório de Matos foi talvez que mais criticou em seus textos a situação política-econômica do país, principalmente da Bahia, estado onde viveu. Em algumas de suas poesias percebemos críticas ao capitalismo que começara instalar-se no país sob influência européia, principalmente francesa.

Após o Barroco, tivemos o Arcadismo, que no Brasil tinha poucos traços pré-românticos, porém expressivos, mas ainda não rompiam a prevalência de temas árcades e cadências rococós. Os autores árcades do Brasil buscaram bagagem ideológica mais uma vez na Europa no final do século XVIII. Eles primavam pelo gosto da clareza e da simplicidade, graças ao qual puderam superar a pesada maquinária cultista.

Percebemos aqui ecos da Revolução Francesa, que serviram de alicerce para a Inconfidência Mineira.

Dentre os autores está Cláudio Manuel da Costa, que foi o nosso primeiro poeta neoclássico, autor de sonetos, onde a presença de figuras femininas intocáveis constelam uma tênue biografia sentimental.

Após o Arcadismo, e também a Revolução Industrial, com ascendência da burguesia, a civilização ocidental vivia um período de contradições com as definições das classes sociais da época. E em meio a esse amontoado de acontecimentos floresce o Romantismo, que expressava os sentimentos dos descontentes com as novas estruturas sociais.

No Brasil o Romantismo oficial teve como precursor Gonçalves de Magalhães, que

publicou em 1836, “Suspiros Poéticos e Saudades”, obra e data que serviu de baleza de início de Romantismo entre nós.

As principais características do Romantismo no Brasil eram o repúdio aos padrões clássicos externos e a busca de uma reforma na literatura brasileira, somando então nacionalismo e religiosidade. Foi então que surgiu o regionalismo e a cultuação da raça indígena brasileira (Iracema), valorizando o nosso povo e fugindo um pouco da dependência européia.

Na poesia romântica brasileira, Gonçalves Dias foi o primeiro autor a escrever no novo estilo, cultuando muito a figura indígena transformando temas comuns em poesia. Colocando o mito do bom selvagem em evidência e cultuando os principais temas românticos, que eram: o amor, a natureza e Deus.

Nesta fase a poesia, embora utilizando temas românticos, começava a refletir nuances de um Brasil em crise, por consequência do fim do tráfico de escravos e a decadência da economia açucareira juntamente com o deslocamento do eixo de prestígio para o Sul e os anseios das classes média urbanas.

Nuances estes que seriam melhorados e reaproveitados durante o Realismo quando autores brasileiros como Euclides da Cunha, Clóvis Beviláqua, Graça Aranha e Medeiros de Albuquerque, sob influência dos filósofos Comte, Taine, Spencer, Darwin e Haeckel, escreveram expondo seus ideais republicanos, iniciando assim, um novo período literário brasileiro. E durante este período, surge também o Naturalismo, que tem em Aluísio de Azevedo um dos seus principais percursores, porém o ponto mais alto e equilibrado da prosa realista brasileira está na ficção de Machado de Assis. Em sua obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, Machado de Assis inaugura uma nova forma de foco narrativo, onde o personagem morto é o narrador, desta forma o próprio Machado torna-se Brás, aproximando assim, o autor e o leitor e abandonando de

vez o mito do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga.

Neste período todo, o que se pode perceber é uma maior aproximação dos autores com a vida real e os problemas sociais que os afligiam. A arte deixa de ser apenas bela e torna-se também veículo de anseios, de transformações sociais.

O Realismo teve seu início no Brasil por volta de 1870 quando Tobias Barreto e a Escola de Recife definiram o novo ideário que sobreviveria até os princípios do século XX. É toda uma nova geração de autores que por volta de 1875 – 80, começa a escrever e a afirmar o novo espírito crítico, aplicando-o às várias faces da nossa realidade.

Na poesia, este período foi denominado Parnasianismo e Castro Alves foi seu ponto alto com sua poesia baseada na corrente social hugoana, com menor arte por arte e maior comprometimento social. Também neste período aconteceu a quebra dos pilares conservacionistas românticos à força dos versos libertários de vários autores que seguiram Castro Alves neste novo estilo.

Em seguida temos o Simbolismo, que no Brasil teve seu ápice com Cruz e Souza, mas seu surgimento se deu na França em reação às correntes analíticas, assim como o Romantismo reagiu à Ilustração em 89, pois os dois movimentos exprimem o desgosto das soluções racionalistas e mecanicistas. Ambos recusam-se a limitar a arte ao objeto; à técnica de produzi-lo, a seu aspecto palpável, ambos enfim, espiram ir além do empírico e tocar, com a poesia, um fundo comum que susteria os fenômenos, chame-se Natureza, Absoluto, Deus ou Nada.

O Simbolismo surge como um sucedâneo, para uso de intelectuais, das religiões positivas; e a liturgia, que é a prática concreta e diária das relações entre a Natureza e Graça.

Não se sabe ao certo se o Simbolismo surgiu no Brasil sob influência francesa, ou por consequência de motivos internos, pois os poetas que o fundaram entre nós, não tiveram história

social diversa a que viveram na época.

Medeiros de Albuquerque (1876 – 1934) e Wenceslau de Queirós (1865 – 1921) são nomes que costumam ser lembrados como precursores da poesia simbolista entre nós. Ambos conheceram de fato, as novas literárias francesas desde o decênio de 80; o primeiro, porém, apesar dos seus maus Pecados e das Canções da Decadência (89), nunca aderiu ao novo espírito e, ao contrário, deu mostras assíduas de imaginação vasqueira e sensualona; no segundo, houve um bom leitor e tradutor de Baldelaire de quem recebeu e exasperou os traços satanistas de seus livros.

As principais características da poesia simbolista são a perca do rigor do metro nos vasos e o predomínio dos sonetos decassílabos, com ritmos mais frouxo e a desolação dos tradicionais acentos para as últimas sílabas.

Notamos também na poesia, um maior comprometimento social, com interesses libertários e com maior verossimilhança. Há presença de temas religiosos, mais a religiosidade é deixada de lado aproveitando-se apenas o amor do Cristianismo, como sendo o fio condutor da existência humana.

Então em fevereiro de 1922, acontece em São Paulo a Semana da Arte Moderna e dá-se início ao Modernismo.

O Modernismo surgiu no momento em que o quadro geral da sociedade brasileira, dos fins do século, vai se transformando graças a processos de urbanização e à vinda de imigrantes europeus para o centro-sul. Paralelo a isso, deslocam-se ou marginalizam-se os antigos escravos em vastas áreas do país e há um crescimento de população das classes médias, operária e também do proletariado. Tudo isso causado, pela crise açucareira do nordeste e ascensão cafeeira do estado de São Paulo, que aliado a pecuária leiteira de Minas Gerais criam a chamada república do

“café com leite”, que passa a dominar a política com seu poder econômico.

Desse quadro emergem ideologias em conflito com o tradicionalismo agrário que mal ajusta-se a mente inquieta dos centros urbanos e a literatura passa a refletir tais mudanças e conflitos como vemos em “Sertões” de Euclides da Cunha, que reflete as tensões locais que aconteciam no Nordeste.

Temos também o romance social de Lima Barreto, que faz parte da arte literária moderna. Este de origem pobre, foi jornalista e devido a sua própria situação social suas obras são repletas de um socialismo emotivo nas raízes e penetrante nas análises. Foi autor de obras como “O Triste Fim de Policarpo Quaresma” (1911), “Recordações do Escrivão Isaías Caminha” (1909), e várias outras obras que refletiam cenas cotidianas, tipos de café, de jornal, da vida burocrática, descritos em linguagem fluente e desambiciosa, mais seus livros são considerados grandes obras literárias do período do Modernismo.

Vários outros grandes nomes da literatura brasileira fizeram parte do Modernismo, mas podemos destacar dentre eles: Graça Aranha, autor de Canaã (1902) ; Oswald de Andrade; Olavo Billac,; Mário de Andrade, autor de “Paulicéia Desvairada” (1922); e muitos outros, pois este talvez tinha sido até aqui o período mais rico de autores e obras de nossa literatura.

Na poesia não poderia ser diferente, tivemos nomes como Manuel Bandeira, Machado de Assis, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, e outros poetas que revolucionaram a poesia com a viragem modernista.

A partir de 1930, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, e Oswald de Andrade, romperam com os códigos acadêmicos definitivamente incorporando a nossa lírica formas livres.

Então, de um modo geral, foi possível aos nossos poetas a conquista de novos temas, como: a política em Drummond e Murilo Mendes; a religiosa, no mesmo Murilo Mendes, em

Jorge de Lima e outros.

Resumindo, com as mudanças que ocorreram na arte literária, e principalmente, na poesia após a Semana de Artes Modernas, tornou-se possível aos autores uma maior aproximação de seu público e dos problemas sociais que os atingia. Sua linguagem ficou mais simples, aumentou sua verossimilhança e talvez por isso suas obras ficaram mais ricas e belas, pois estavam mais próximas de nossa sociedade e mais afastadas dos modelos europeus. Aliás, ao que percebemos durante nossas pesquisas e estudos, toda obra literária que mais se aproxima do meio social é mais bela e tem maior divulgação. Pois a arte pela arte, não tem muito valor, mais quando ela reflete a sociedade a qual pertence, se torna rica e importante para toda a humanidade.

Com a poesia, como percebemos desde o início deste texto, não é diferente. Desde os trovadores portugueses até nossos poetas modernos, ela esteve sempre ligada a problemas de transformações sociais e políticas, tornando-se importante documento sócio-histórico e cultural do nosso país e porque não dizer, de toda a humanidade.

## ***CONSTITUIÇÃO SÓCIO - IDEOLÓGICAS DO SUJEITO/AUTOR***

No final do século XIX foi constituída como ciência a Psicologia, que na época, era regida pelos pensamentos naturalistas e positivistas. Através dela, homem passa a buscar uma forma de analisar a questão da interação social (relação que liga o indivíduo humano a seu meio).

No modelo naturalista a concepção que se tem do homem é a de organismo biológico que está sujeito as mesmas leis biológicas da evolução. Muito embora admitindo que ele, tem um organismo mais complexo que os demais animais, a visão naturalista descarta portanto, a natureza histórica e cultural do homem. Neste contexto, indivíduo e meio são vistos como duas realidades externas independentes, cujas relações devem ser pensadas em termos de adaptações.

Existe também a concepção empirista que enfatiza o meio ambiente em contraposição ao indivíduo, ou seja, o meio é quem determina ("cria") o sujeito. Para os empiristas o homem nasce com todas as condições necessárias para abstrair todo o conhecimento que o meio ambiente lhe passa através do convívio .

Existem várias outras correntes filosóficas que unidas a Psicologia tentam entender a natureza da interação social, mas nem uma delas consegue definir com precisão tal fato. É preciso que se faça uma analogia entre interação social, indivíduo e linguagem, pois, como as correntes afirmam que é no organismo que está o suporte de toda atividade, é preciso dizer que há um sujeito que rege este organismo e que este sujeito é constituído pela linguagem. Ao contrário o homem se iguala a qualquer outro ser biológico pois, sabemos o que difere o homem dos outros animais é justamente sua capacidade de abstração, que por sua vez, só existe através da linguagem. Sem linguagem não há como estruturar o pensamento e sem pensar o homem se torna

apenas um ser biológico. Mas não aprofundemos mais neste fato, pois o mesmo nos remete um problema crucial da existência humana. Voltemos então ao termo social, que também é complexo, porém é o que nos interessa agora.

Para diferentes correntes teóricas este termo serve para estabelecer relações tanto no meio animal quanto no humano, enquanto no mundo animal o social é apenas um dado natural, regido por mecanismo biogenético, para os homens ele é construção histórica da humanidade.

Nesta perspectiva temos a concepção da corrente sócio – histórica, que difere das demais correntes quando afirma que o homem não está na ordem biológica das leis naturais, mas ele está na ordem simbólica e das leis históricos- culturais.

Tal afirmação nos remete como sendo, em termos, a interação social, relações ou posições que um indivíduo tem em relação aos outros. Essas relações são possíveis porque entre os homens existe a linguagem, mas aos animais só existem os “sinais” que são passados geneticamente e estes nunca se modificam, são sempre os mesmos, não evoluem pois são apenas biológicos, enquanto a linguagem evolui e juntamente com ela o homem também evolui, está aí a grande diferença entre humanos e animais.

A corrente sócio- histórica se baseia em pressupostos para afirmar sua fundamentação teórica. Um desses pressupostos é o trabalho, porque através do trabalho o homem está constantemente modificando seu meio social, a partir dessas modificações naturais, o homem desenvolve atividades ou faculdades que estavam adormecidas e se modifica também.

Então, durante a realização do trabalho o homem cria instrumentos com os quais ele executa o trabalho, e ao criar instrumento o homem está desenvolvendo sua imaginação. O instrumento é a materialização do pensamento de um homem, que é passada aos outros homens, então podemos afirmar que o instrumento é um objeto cultural, uma vez que se torna comum a

humanidade.

Outro pressuposto é o da natureza das funções psíquicas no homem, fato que para a sócio-histórica é de natureza cultural, ou seja, a partir do seu convívio social o indivíduo adquire tais funções. Esse processo de aquisição se dá no indivíduo desde o período de gestação do feto, até os últimos dias de sua existência.

Mas para que esse processo de aquisição das funções psíquicas seja realizado e também para que os instrumentos de trabalho sejam criados, faz-se necessário que haja uma forma de comunicação entre os indivíduos. É aí que entra o terceiro pressuposto da perspectiva sócio-histórica, talvez o mais importante, que diz que toda a atividade humana é mediada semióticamente (através de sistemas de signos).

Para que haja comunicação é preciso que exista também um sistema de signos, que são sinais comuns à uma determinada comunidade, instituídos pelos indivíduos que compõem esta comunidade.

É através destes sistemas de signos que os indivíduos trocam informações entre si e desenvolvem seus trabalhos, bem como suas funções psíquicas.

Sabemos que os animais também tem alguns sinais que utilizam para sua comunicação, mas também sabemos que estes sinais são transmitidos geneticamente e principalmente, que eles não modificam, enquanto que os sistemas de signos criados pelo homem se modificam e evoluem constantemente.

A fala é um sistema de signos comum aos homens, que a utilizam durante o diálogo, forma mais usada na comunicação entre dois indivíduos. E o signo é a representação de um objeto, material ou imaterial, sob algum aspecto, dentro da fala, ou seja, o signo é o conjunto de sons instituídos pelos indivíduos para representar, durante o diálogo, um determinado objeto.

Um instrumento de trabalho é representado por um signo, então como os indivíduos estão sempre criando novos instrumentos de trabalho, novos signos estão sempre sendo criados. E todos estes signos juntos constituem a linguagem.

Nesta linha de pensamento podemos afirmar que o indivíduo, em posse da linguagem, é capaz de conviver socialmente, adquirir os conhecimentos culturais daquela comunidade e de posse desses conhecimentos o indivíduo se torna sujeito. Melhor dizendo, a linguagem é o fator que estabelece relação entre indivíduo e meio social, ela é o veículo de formação do sujeito. É através dela que o sujeito sofre influências e influencia o seu meio social.

Usando a linguagem o homem estrutura seus pensamentos e passa sua mensagem adiante, mas isso não significa que esta mensagem corresponda a realidade tal como está. As idéias são historicamente determinadas e são peculiares a nossa experiências social direta e a marca da experiência social é oferecer-se como se esta fosse a essência das próprias coisas.

Através da ideologia os fatos são distorcidos e os valores invertidos causando um efeito contrário ao que realmente acontece. Este fenômeno acontece no plano da consciência individual e também no plano da consciência social, isto é, no conjunto de explicações e idéias que uma sociedade oferece sobre si mesma.

Isso implica dizer que o sujeito, consciente dos fatos que acontecem na sua comunidade através da linguagem, que é veículo de informações desses fatos, pode distorcer tais fatos, fazendo aparecer uma realidade que lhe agrada ou agrada toda a sociedade. O que explica o exemplo que Karl Marx cita ao observar o efeito da ideologia na economia, principalmente no capitalismo onde:

*“... os trabalhadores produzem todos os objetos existentes no mercado, todas as mercadorias; após*

*havê-las produzido, as entregam aos proprietários do meio de produção, mediante um salário; quando vão ao mercado não conseguem comprar essas mesmas mercadorias. Olham os preços, contam o dinheiro e voltam para casa de mãos vazias como se o preço das mercadorias existisse por si mesmo e como se elas estivessem à venda porque surgiram do nada e alguém as decidiu vender". ( CHAUI, pág. 416)*

O que observamos neste trecho é que os trabalhadores alienados a inversão de valores e a política econômica e ideológica do capitalismo, consideram os produtos, fabricados por eles mais valiosos do que eles mesmos. Não reconhecem como sendo eles autores daqueles objetos e principalmente constituidores do Estado.

Fatores sociais constituem no sujeito o conhecimento equivocado de fatos que lhes são transmitidos através da linguagem de forma distorcida. As imagens e idéias que chegam a este indivíduo distorcidas, são fenômenos sócio- históricos que recebem o nome de ideologia.

A ideologia tem decorrente do modo de produção econômico que determina a divisão social estabilizando e fixando cada indivíduo em determinada tarefa. E dessa divisão de tarefas surge a naturalização que se dá por exemplo quando o indivíduo acha que nasceu para realizar determinado trabalho. Não se lembra que foi a sociedade que o moldou assim, e as relações sociais passam, por meio de alienação dos indivíduos, a serem consideradas naturais, quando na verdade foram constituídas pelos homens.

Este é um dos exemplos do que a ideologia é capaz de fazer na formação social individual

e na comunidade social como um todo.

A ideologia é constituída por um pequeno grupo pensante, geralmente membros e chefes de Estado pertencentes a chamada classe dominante, que domina a consciência social e tem o poder de transmitir, por meio da linguagem e através da religião dos costumes, das leis e do direito, moldam a consciência de todas as classes sociais uniformizando o pensamento de todas as classes.

As imagens e idéias que os ideólogos passam ao restante da sociedade não exprimem a realidade social, mas representam a aparência social do seu ponto de vista. Estas idéias constituem o que chamamos de "Pátria, Família, Escola, Progresso, Ciência, o Bem, o Justo, o Certo e o Errado", na visão e dentro dos objetivos de quem as criou, ou seja, são valores que agradam os interesses das classes dominantes.

Isso fica bem claro dentro do capitalismo, onde os detentores do capital influenciam na política estatal criando e estabelecendo as divisões sociais, no trabalho para manter e aumentar seu capital, aumentando também seu domínio em relação aos demais indivíduos daquela comunidade. Como no trecho que citamos anteriormente, do operário que produz os itens e produtos que movem a máquina do Estado, mas que não conseguem, através do seu poder econômico, ter acesso aos benefícios que ele mesmo produz.

Será que não sai daqui explicação para tanta criminalidade e violência que o mundo atual vive? Não podemos afirmar isto com certeza, mas deixamos esta pergunta no ar, a título de reflexão.

O importante aqui é estabelecer a influência do meio social no indivíduo, através da ideologia, que é consequência dos fatores políticos e sociais do meio onde este indivíduo habita.

Isso não quer dizer que toda sociedade aceite como sendo certo os ideais impostos,

através da ideologia, pelas classes dominantes, pois: *a ideologia é a lógica da dominação social e política* (CHAUI, pág. 418)

Mas existem indivíduos conscientes nas comunidades que não aceitam essa dominação social e lutam para mudar esse quadro. É onde aparecem as revoluções e os conflitos entre classes sociais que aconteceram e acontecerão na história da humanidade. O problema é que a formação destes indivíduos conscientes é dever das escolas, instituições de ensino que são manipuladas pela classe dominante. Então se torna cada vez menor o número desses indivíduos e as mudanças, conseqüentemente são menores, pois eles não conseguem conscientizar sozinhos, a comunidade que está alienada a política ideológica e dominadora dos poderosos chefes de Estado e ricos empresários, que compõem a classe dominante.

Mas como é transmitida todas essas informações à sociedade?

Como já vimos toda e qualquer informação é passada através de signos lingüísticos que formam a linguagem comum às sociedades. Essa linguagem, como afirma Foucault (1969), é assujeitada ideologicamente, então a distorção da verdade social e através dos mecanismos enunciativos o sujeito sofre influência dessas informações e não sendo ainda um sujeito crítico, é alienado ao discurso que lhe foi transmitido.

O discurso é constituído por informações que o sujeito adquire durante seu convívio social, que são passadas aos outros membros da comunidade juntamente com os ideais que este sujeito tem em seu íntimo. ... *a categoria do sujeito é a categoria constitutiva de toda ideologia: não há ideologia sem sujeito*. (ORLANDI, 1999)

Tal afirmação nos remete ao fato de que sujeito é a unidade de constituição dos textos ideológicos, pois convivendo em sociedade ele toma posse de toda uma gama de informações que lhe são diariamente fornecidas pelo meio. Estas informações são organizadas no subconsciente

deste sujeito, que de posse de conhecimentos adquiridos anteriormente, associa estas informações a seus conhecimentos, organizando o discurso de forma que o agrade, forjando uma realidade que não é a verdadeira.

Então a partir do momento em que o sujeito reproduz essas informações do seu ponto de vista ideológico e as transmite para a sociedade, na forma de textos, propagandas, livros, discursos políticos, leis, regras, ou qualquer outro meio de divulgação, ele se torna autor.

Foulault considera o autor como sendo o princípio de agrupamento do discurso e unidade de origem e significação, o que reforça o que já afirmamos anteriormente. Por isso, autor é o sujeito, que recebeu informações do meio e através de seus conhecimentos, externalizou essas informações modificadas através de sua ideologia.

Desta forma temos o meio social agindo no indivíduo e criando o sujeito, que por sua vez, por força da ideologia e/ou influências cria o autor. Enfim, acreditamos ser o autor, responsável por algumas alterações sociais que futuramente vão refletir em outros indivíduos, tornando assim um ciclo no qual se resume a interação social.

Ainda referente a produção do discurso, vimos que na perspectiva da análise do discurso, dependendo do lugar que o autor ocupa na sociedade, o sentido de seu texto pode variar, pois a posição social do autor tem influência nos enunciados que produz.

*... Essas condições ( sociais ) abrangem o contexto histórico-social, ideológico, a situação, os interlocutores e o objeto de discurso, de tal forma que aquilo que se diz significa em relação ao que não se diz, ao lugar social do qual se diz, para quem se diz... (ORLANDI, 1999)*

Isso implica dizer que se este discurso for produzido por um médico, terá um sentido, pois sua linguagem e seu objetivo ao produzir este discurso será totalmente diferente ao discurso de um político ou um padre, por exemplo. Cada um destes sujeitos ocupam diferentes lugares numa mesma comunidade. Cada um deles tem determinada intenção ao produzir seus discursos para que os mesmos, carregados de suas ideologias, possam produzir diferentes reações em quem os lê ou ouve.

Existe também outro aspecto muito importante na produção da leitura, segundo a AD, que é a questão da época em que é produzido o texto.

*Leituras que não são possíveis, para um mesmo texto, em certas épocas o foram em outras, e leituras que não são possíveis hoje o serão no futuro.*

(ORLANDI, 1999)

Dessa forma, devemos nos ater além do lugar que ocupa o autor na sociedade, a época que seu texto foi produzido, ou seja, o momento sócio-histórico que ele vivia quando produziu este texto.

Observamos também o silêncio usado como forma de repressão e distorção dos sentidos da realidade principalmente no período político da Ditadura Militar, de 1964 a 1984.

Naquela época os políticos usavam o poder das forças armadas para obrigar os meios de comunicação a divulgarem somente o que lhes interessava, política e economicamente, silenciando toda e qualquer manifestação contra seus interesses.

Este silêncio de que falamos, não é a ausência de palavras, mas é sim a sustentação de um discurso que tem a função de encobertar a realidade.

Entra em ação então a censura, que é a interdição de certos sentidos nos discursos dos

sujeitos, obstruindo-os de tomarem posições que possam interferir no mascaramento da realidade. Censurar é proibir que determinados discursos sejam ditos.

A censura acontece sempre que alguém diz algo que pode interferir ou prejudicar o discurso autoritário e alienador dos políticos que é dito hoje e foi dito com frequência durante a Ditadura no Brasil. Aliás, foi durante este regime militar que o país viveu de 1964 a 1984, que se instituiu a censura nos meios de divulgação públicos, artísticos e até mesmo nos bate-papos diários do povo brasileiro.

Naquela época os militares que tinham o Estado e o poder das forças armadas nas mãos, obrigavam a população brasileira a aceitarem sua ideologia política, controlando através da censura, as informações que eram passadas ao povo brasileiro. Eles alienavam a população divulgando somente o que lhes interessava, silenciando qualquer voz que se revelasse contra sua política e sua ideologia.

Nesta linha de raciocínio, observando as relações do sujeito/autor e comunidade, momento socio-histórico, silêncio/censura, partiremos para a análise das poesias, propostas no início desta pesquisa, mas antes estaremos fazendo, no próximo capítulo, um breve relato sobre o referido autor destas poesias e o momento sócio-histórico que o país atravessava quando elas foram escritas.

## LIGAÇÃO ENTRE AUTOR, POESIAS E ACONTECIMENTOS POLÍTICO-SOCIAIS

Nascido em 1942 em Santo Amaro da Purificação , na Bahia, Caetano Emmanuel Viana Telles Veloso, é, segundo vários críticos, o mais versátil e polêmico poeta-compositor do Brasil Contemporâneo.

Segundo Charles Perrone (1988), *suas primeiras canções de bossa nova demonstram preocupações poéticas primárias dentro do contexto musical*, e as composições que se seguiram como “Alegria Alegria”, refletem mudanças significativas tanto na música quanto na letra, mas foi a partir da canção “Torpicália” (1968), que deu início ao Tropicalismo, movimento cultural de suma importância, que o autor propõe uma revisão crítica da cultura brasileira.

Nesta época a situação política do Brasil se consistia no regime de ditadura militar, institucionalizado por atos de lei que davam ao presidente plenos poderes.

É o caso, por exemplo, do AI 5 (Ato Institucional nº 5) que era regido pelo ministro da justiça e tinha objetivo de fortalecer ainda mais o poder do executivo, enfraquecendo o legislativo e ampliando o número de militares no poder.

Em 1968, a atuação da oposição também crescia em várias partes do país. O movimento estudantil exigia a democracia e denunciava a interferência dos Estados Unidos na estrutura educacional brasileira. Então, após muitas passeatas e comícios, as manifestações desembocaram em um ato de grande repercussão, “A Passeata dos Cem Mil”, na cidade do Rio de Janeiro. A classe operária também se rearticulava, deflagrando várias greves, como a de Contagem, MG e a de Osasco, em SP.

Em meio a este clima de repreensões e manifestações que o país sofria, aparecia uma canção que era quase como um hino na boca dos estudantes, e que foi apresentada num festival de MPB, por Caetano Veloso, sendo por ele composta e gravada em seu primeiro LP individual (1968).

O título desta canção é “Alegria Alegria” e dentre seus belos versos estão alguns que gostaríamos de citar a título de análise:

*Caminhando contra o vento (...)*

*no sol de quase dezembro*

*eu vou*

*O sol se reparte em crimes (...)*

*eu vou.*

Nestes versos das duas primeiras estrofes da bela poesia, gostaríamos de chamar a atenção para a verossimilhança entre a poesia e a situação social e política do país. Na primeira estrofe o eu poético nos remete a uma descrição de criação do AI 5 e a posição de repúdio que ele causou na população pois sabemos que o AI 5 foi institucionalizado em dezembro, como percebemos no segundo verso e no primeiro e terceiro verso observamos a manifestação de repúdio e a motivação para lutar contra este ato.

Na segunda estrofe, notamos a denuncia de crimes cometidos e acobertados pelos militares; como o caso do estudante secundarista Edson Luís, assassinado pela polícia em Guanabara; e novamente a motivação a continuarem as manifestações populares.

Tais sugestões poéticas feitas por Caetano Veloso em sua poesia, reforçam o pressuposto de que o meio influencia no sujeito, e este repassa à sociedade estas informações sob a sua

ideologia, quando toma a posição de autor. Caetano Veloso, como não concordava com aquela política, mas não podia manifestar claramente isto por causa da censura, o fez metaforicamente, através de sua poesia.

Em outra poesia de Caetano Veloso, intitulada “Tropicália”, também em 1968, vemos:

*eu organizo o movimento ( ... )*

*eu inauguro o movimento*

*no planalto central*

*do país.*

Nesta primeira estrofe notamos que o eu poético diz estar inaugurando e organizando um movimento, que pensamos, tenha a ver com a Tropicália (movimento cultural de cunho político), e nos versos seguintes temos:

*O movimento não tem porta*

*a entrada é uma rua antiga, estreita e torta*

*e do joelho uma criança sorridente feia e morta*

*vivia a mata ta ta*

*vivia a mulata ta ta ta ta*

Nestes versos vemos que o eu poético, faz em forma de metonímia, uma descrição do estado miserável e iludido que a maior parte da população brasileira sofria em consequência da administração política do militarismo.

Percebemos também, nos dois últimos versos citados, uma alusão ao domínio e a apropriação das nossas riquezas e belezas, pelos americanos, que graças a acordos firmados pelos militares em troca de altos empréstimos, lhes possibilitava.

Historiadores e críticos afirmam que durante o regime militar, o Brasil ficou dependente dos Estados Unidos, não só financeiramente, mas também culturalmente. Acordos e contratos como o que o MEC (Ministério da Educação e Cultura), fez com o USAID (Programa Norte – Americano da Ajuda aos Países Pobres), buscava recursos financeiros, tecnológicos e culturais para a formação escolar de nós brasileiros, em troca de aumento na produção de matéria prima, que seria repassada aos americanos a um custo baixo. Dessa forma, o ensino nas escolas públicas ficou totalmente restrito a formação e capacitação técnica de profissionais que atendessem o mercado de trabalho nas fábricas. Essas escolas formavam um trabalhador alienado e não um indivíduo crítico, fato que era interessante ao governo militar, pois dessa forma, não havia quem pudesse compreender e criticar aquela política.

Felizmente, para nossa sorte, houveram indivíduos críticos como Caetano Veloso, que esta política de alucinação e mascaração da realidade, não conseguiu calar. Como vemos na seguinte estrofe:

*No pulso esquerdo o bang bang  
em suas veias corre muito pouco sangue  
mas seu coração balança a um samba  
de tamborim*

O que percebemos nesta estrofe é muito mais que uma denúncia, pois nela há um sentimento de revolta contra os militares que mesmo sendo brasileiros, continuam cometendo crimes contra seus compatriotas e destruindo sua própria nação.

Em suma, a canção “Tropicália”, traz em seus versos um relato verossímil da situação política e social do país e declara o que seria os ideais do movimento cultural que teria o título de “Tropicalismo”.

Há uma ligação muito forte entre autor e problemas sociais, é a sociedade influenciando no sujeito, que busca influenciar a sociedade através da autoria de suas poesias musicais. Não há como não notar essa ligação entre poesia e sociedade, pois o compromisso social crítico está presente em cada verso da música.

Outra canção que também está no álbum "Tropicália"(1968), é "Enquanto Seu Lobo Não Vem". Sua letra nos remete ao silêncio que a censura militar impunha, à sociedade da época. Vejamos um exemplo disso nos seguintes versos:

*Vamos passear na floresta escondida (...)*

*Vamos passear na avenida (...)*

*Na cordilheira sob o asfalto*

Estes são versos da primeira estrofe da letra da música, que nos revelam, mimeticamente, o desejo que o eu poético tem em poder manifestar público e diretamente, sua opinião crítica sobre os desmandos políticos aos quais o país estava sendo submetido. Porém só podia o fazer às escondidas pôr causa da opressão do poderio militar (censura). A mesma censura que Caetano Veloso temia, como percebemos no título da poesia que diz "Enquanto Seu Lobo não Vem". Esta frase, em nossa perspectiva, afirma a preocupação que Caetano Veloso tinha em ser proibido de continuar se manifestando, mesmo indiretamente em forma de poesia, como fazia, denunciando as barbaridades dos militares. O autor já sabia que certamente sofreria repressões e seria punido por estar se manifestando publicamente contra o governo. E o "Seu Lobo" ou os militares, vieram o prenderam e depois o deportaram a um exílio forçado, juntamente com outros membros do movimento tropicalismo.

Em 1976, já com o começo da decadência militar, o aparecimento da tão bem encoberta crise social, que deflagraria a revolta popular e mais tarde o fim da ditadura, Caetano Veloso,

juntamente com seus amigos baianos, lança um LP intitulado “Doces Bárbaros”. Dentre outras canções temos uma que nos chamou atenção para a beleza e verossimilhança de seus versos. Seu título é “Os Mais Doces Bárbaros”, e em sua letra destacamos os seguintes versos:

*com amor no coração  
preparamos a invasão ( ... )  
entramos na cidade  
amada.*

*( ... ) doce bárbaro Jesus  
sabe bem quem é otário ( ... )*

Nestes versos observamos que o eu poético, faz menção a uma invasão pacífica que estava acontecendo. Esta “invasão”, acreditamos ser a comemoração que o autor faz pela repercussão da mensagem e da ideologia que suas canções trazem, e que estava começando a ser compreendida pela população brasileira (cidade citada no verso).

Em seguida, nos outros dois versos temos a alusão mimética feita pelo eu poético, que atribui a Jesus a graça de sua mensagem não ter sido distorcida e nem ter sido calada. Notamos que o autor coloca que a população através das informações soube distinguir bem o que era certo e o que era errado, a mentira e a verdade, daquela política hipócrita, a qual foram submetidos.

Em outros versos da mesma canção, notamos que apenas começava a mudança de comportamento e opinião por parte do povo brasileiro, perante a imagem política do militarismo, mas o autor já considerava esta mudança como sendo algo de grande importância, pois embora sabendo que não acabaria ali o governo militar, já se sentia vitorioso por ter sido um dos formadores desta mudança de opinião.

*tudo ainda é tal qual  
e no entanto nada igual  
nós cantamos a verdade  
e é sempre outra cidade  
velha.*

Nos dois últimos versos, Caetano Veloso reafirma a conquista da credibilidade do povo e a certeza da continuação dos ideais de transformação política e social que o país futuramente, sofreria com a queda da ditadura, o fim da censura e da opressão, e o restabelecimento da democracia

*(...)avançando através dos grossos portões  
nossos planos são muito bons.*

Com esta poesia, acreditamos que Caetano Veloso comemorava, juntamente com seus amigos, o fim próximo do governo ditador, que se deu através da quebra do silêncio que mascarava a realidade e acobertava os crimes sociais, consequências da censura, cairia juntamente com seus criadores, no início da década de oitenta, com o restabelecimento das eleições diretas, onde o povo teria novamente o direito de escolher seu presidente.

UNEMAT  
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT  
BIBLIOTECA

## *CONSIDERAÇÕES FINAIS*

Desde o início desta pesquisa, nosso intuito, sempre foi a comprovação de que a literatura, e principalmente a poesia, tem sido fator muito importante ao longo da história da formação social da humanidade.

Então, no desenrolar de nossa pesquisa, fomos descobrindo que nossa suposição estava correta e que a vida influencia a arte, que além de ser uma forma de representação da vida, é também instrumento de transformação social.

Fomos muito felizes na escolha do período histórico-social a ser pesquisado, pois os anos de Ditadura Militar foram muito importante para a formação social do Brasil, que até hoje sofre com os problemas sociais que estão diretamente ligados a consequência do militarismo.

Vimos que a linguagem foi manipulada pelos militares, para que todos acreditassem que aquele era o melhor e único regime possível de “consertar” nosso país.

Linguagem que era carregada de ideologias falsas, que mascarava o que realmente acontecia, trazendo a tona somente o “lado bom” do regime militar e que muitas vezes era restrita a alguns membros daquela sociedade, pois lhes eram tirados o direito de criticar os erros do governo, através de censura ou linguagem do silêncio.

Silêncio que dizia muito, pois acobertava crimes e barbaridades sociais, com propagandas e slogans do tipo, “Brasil, ame-o ou deixe-o”, ou seja, o silêncio não representava a ausência total da linguagem, mas a presença de uma parte da linguagem que era usada apenas para elogiar o governo militar, nunca para criticar ou questionar, sempre elogiar. Criar um modelo de política que na realidade não existia, mas que servia para enganar e iludir a população, a fim de torná-la cada vez mais satisfeita com o governo que tinha.

Estas são conclusões as quais chegamos após estudar os efeitos da ideologia que aqueles sujeitos (militares) impunham através da linguagem àquela sociedade.

Vimos também que em meio a esses acontecimentos, se despontava diante de tantos outros artistas, Caetano Veloso, que desenvolveu um alto senso crítico, e foi capaz de entender o que realmente acontecia no país. Suas composições musicais são, como já mencionamos, belas poesias, recheadas de críticas ao ideologismo militar. Toda obra sua escrita naquela época tem uma ligação muito forte com o social, como vimos, anteriormente, elas descrevem com clareza de detalhes, fatos que se passaram na época e também trazem os anseios de melhoria das condições sociais que o autor almejava.

Notamos que as poesias de Caetano Veloso foram grande veículo formador de opinião e acreditamos terem sido responsável por mudanças, não só no comportamento das pessoas, mas também na formação social do país. Infelizmente, não temos a comprovação se as poesias de Caetano Veloso realmente influenciaram diretamente para o fim da política militar, mas sabemos que o autor foi muito inteligente em usar a poesia musical para transmitir questões ideológicas, pois na época por consequência da censura, seria impossível fazê-lo abertamente. E a música é um grande veículo de comunicação pois abrange toda a comunidade, além disso, as poesias de Caetano Veloso são muito úteis para entendermos melhor o que a população do Brasil realmente viveu na Ditadura.

Gostaríamos de ressaltar que esta análise não está pronta e acabada, pois pretendemos trabalhá-la melhor em estudos futuros, porém, todos estes fatos deixam claro que a literatura, e principalmente a poesia, não existe apenas por que a arte é bela, mas porque ela tem um compromisso social muito forte e está sempre ligada aos problemas e anseios sociais. Mesmo assim, continua sendo bela, e se me pedisse para definir, em poucas palavras, a poesia, com

certeza diria:

*A poesia é bela arte, usada pelo homem, como relato histórico, único e verdadeiro. Está sempre diretamente ligada aos fatos que acontecem nas comunidades e serve de fonte ideológica, para a formação do futuro da humanidade.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. 3ª Ed. Cultrix. São Paulo, 1994 – 1997.

CHAUÍ, Marilena. Convite a Filosofia. 9ª ed. Editora Ática. São Paulo, 1997.

COSTA, Luís César Amad e MELO, Leonel Itaussu A. História do Brasil. 11ª ed. Editora Scipione. São Paulo, 1999.

MOISÉS, Massaud.. A Literatura Portuguesa. 27ª ed. Editora Cultrix- São Paulo, 1992 – 1994.

\_\_\_\_\_. A Literatura Portuguesa Através dos Textos. 22ª ed. Editora Cultrix. São Paulo, 1993 – 1997.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Discurso e Leitura. 4ª ed. Editora Cortez. São Paulo, 1988.

\_\_\_\_\_. As Formas de Silêncio no Movimento dos Sentidos. 4ª ed. Campinas - S. P., 1997.

PERRONE, Charles A. Letras e Letras da Música Popular Brasileira. Editora Elo. Rio de Janeiro, 1988.

PÉCORA, Alcy e FRANCHETTI, Paulo. Caetano Veloso. Seleção de textos, notas,  
Estudos biográficos, histórico e crítico. 2ª ed. Nova Cultural, São Paulo, 1988.

**Anexos**

## *alegria, alegria*

caminhando contra o vento  
sem lenço e sem documento  
no sol de quase dezembro  
eu vou

o sol de reparte em crimes  
espaçonaves guerrilhas  
em cardinales bonitas  
eu vou

em cara de presidentes  
em grandes beijos de amor  
em dentes pernas bandeiras  
bomba e brigitte bardot

o sol nas bancas de revistas  
me enche de alegria e preguiça  
quem lê tanta notícia?  
eu vou

por entre fotos e nomes  
os olhos cheios de cores o peito cheio de amores vãos  
eu vou  
por que não? por que não?

ela pensa em casamento  
e eu nunca mais fui à escola  
sem lenço e sem documento  
eu vou

eu tomo uma coca-cola  
ela pensa em casamento  
uma canção me consola  
eu vou

por entre fotos e nomes  
sem livros e sem fuzil  
sem fome sem telefone  
no coração do brasil

ela nem sabe até pensei  
em cantar na televisão  
o sol é tão bonito  
eu vou

UNEMAT  
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT  
BIBLIOTECA

sem lenço sem documento  
nada no bolso ou nas mãos  
eu quero seguir vivendo  
amor

eu vou  
por que não? por que não?

## *Tropicália*

sobre a cabeça os aviões  
sob os meus pés os caminhos  
aponta contra os chapadões  
meu nariz

eu organizo o movimento  
eu oriento o carnaval  
eu inauguro o monumento  
no planalto central  
do país

viva a bossa sa sa  
viva a palhoça ça ça ça ça

o monumento é de papel crepom e prata  
os olhos verdes da mulata  
a cabeleira esconde atrás da verde mata  
o luar  
do sertão

o monumento não tem porta  
a entrada é uma rua antiga estreita e torta  
e do joelho uma criança sorridente feia e morta  
estende a mão

viva a mata ta ta  
viva a mulata ta ta ta ta

no pátio interno há uma piscina  
com água azul de amarelina  
coqueiro brisa e fala nordestina  
e faróis

na mão direita tem uma roseira  
autenticando eterna primavera  
e nos jardins os urubus passeiam a tarde inteira  
entre os girassóis

viva maria iá iá  
viva a bahia iá iá iá iá

no pulso esquerdo o bang- bang  
em suas veias corre muito pouco sangue  
mas seu coração balança a um samba

de tamborim

emite acordes dissonantes  
pelos cinco mil alto-falantes  
senhoras e senhores ele põe os olhos grandes  
sobre mim

viva iracema ma ma  
viva ipanema ma ma ma ma

domingo é o fino da bossa  
segunda-feira está na fossa  
terça-feira vai à roça  
porém

o monumento é bem moderno  
não disse nada do modelo do meu terno  
que tudo mais vá pro inferno  
meu bem  
que tudo mais vá pro inferno  
meu bem

viva a banda da da  
cármem miranda da da da da

**enquanto seu lobo não vem**

vamos passear na floresta escondida  
meu amor  
vamos passear na avenida  
vamos passear nas veredas no alto  
meu amor  
há uma cordilheira sob o asfalto

a estação primeira de mangueira  
passa em ruas largas  
passa por debaixo da avenida presidente vargas  
                esidente vargas

“OS

vamos passear nos estados unidos  
do brasil  
vamos passear escondidos  
vamos desfilar pela rua onde mangueira passou  
vamos por debaixo das ruas

“clarins

“da

debaixo bombas das bandeiras  
debaixo das botas  
debaixo das rosas dos jardins  
debaixo da lama  
debaixo da cama  
debaixo da cama

“banda

“militar

## **os mais doces dos bárbaros**

com amor no coração  
preparamos a invasão  
cheios de felicidade  
entramos na cidade  
amada

peixe-espada peixe-luz  
doce bárbaro Jesus  
sabe bem quem é Otário  
peixe do aquário  
nada

alto astral altas transas lindas canções  
afoxés astronaves aves cordões  
avançando através dos grossos portões  
nossos planos são muito bons

com a espada de ogum  
e a bênção de Olorum  
como um raio de Iansã  
rasgamos a manhã  
vermelha

tudo ainda é tal e qual  
e no entanto nada igual  
nós cantamos de verdade  
e é sempre outra cidade  
velha

alto astral altas transas lindas canções  
afoxés astronaves aves cordões  
avançando através dos grossos portões  
nossos planos são muito bons